



#### APARECIDA

Senador Wilder participa de lançamento da UniEvangélica

#### TECNOLOGIA

Marconi cria programa para melhorar fiscalização de IPVA e de ICMS



# CERRADO



Goiânia, SEXTA-FEIRA, 16 de setembro de 2016

- [www.wildermorais.com.br](http://www.wildermorais.com.br)
- [facebook.com/wildermorais](https://facebook.com/wildermorais)
- [instagram.com/wildermorais](https://instagram.com/wildermorais)
- [twitter.com/wildermorais](https://twitter.com/wildermorais)

## REVISTA BULA

# Os 400 anos da morte de Shakespeare





## UMA HOMENAGEM AO MAIOR ESCRITOR DE TODOS OS TEMPOS

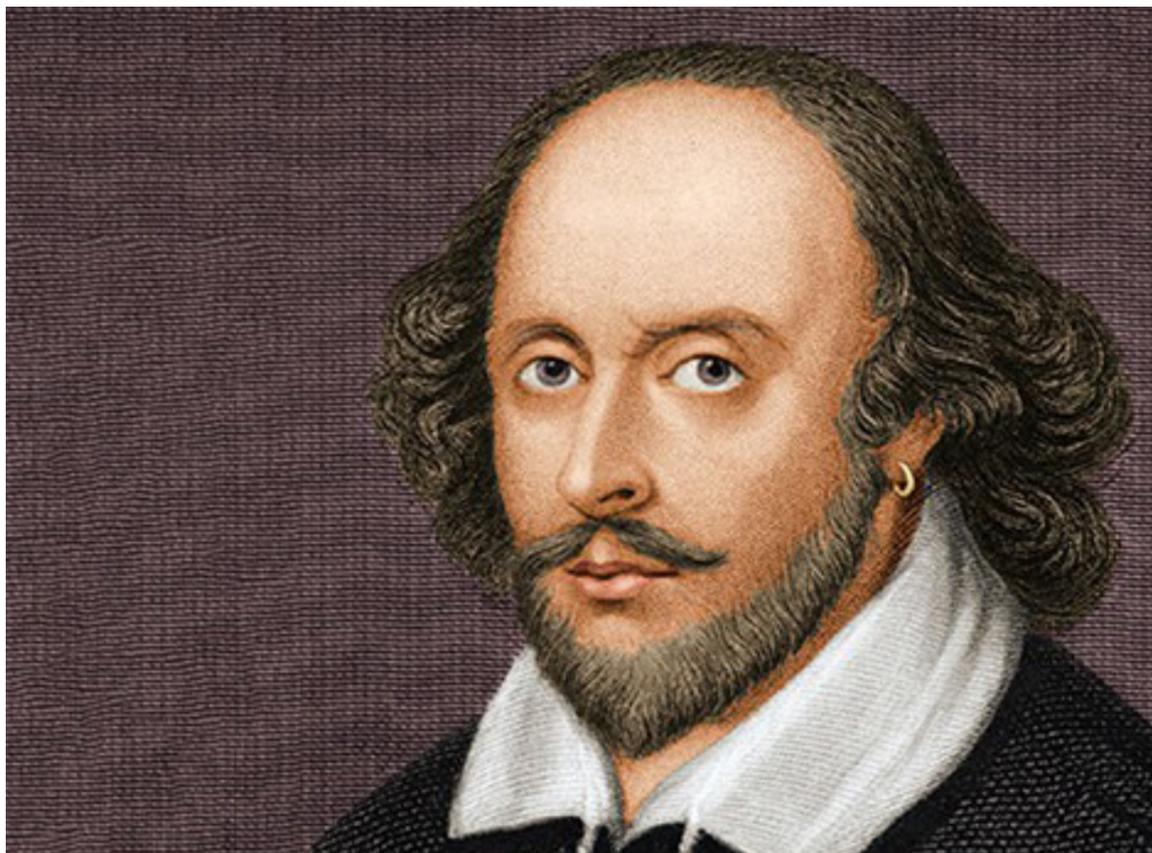
O que resta a dizer sobre Shakespeare? É o maior escritor de todos os tempos, de todas as línguas e de todas as literaturas. Mas esta verdade que se espalha e se reafirma pelo mundo já foi por demais dita e repetida em todos os lugares do globo. Não há um só continente que não tenha sido contaminado pelo gênio de Stratford. Não há uma língua, um poeta que, depois dele, de alguma forma ao seu texto não tenha se referido ou em sua figura não tenha se esbarrado.

De certa forma Shakespeare esgotou, em suas peças e sonetos e poemas, as temáticas humanas, e por via deles podemos discutir o que havia na sociedade, política, cultura e economia de antes das obras, durante e depois delas.

Sim, há uma atemporalidade em Shakespeare, como há em todo e qualquer clássico, aliás, ser atemporal é a premissa de todo clássico. Mas esgotar os temas pertinentes aos seres humanos foi uma tarefa à qual se dispuseram raras obras e autores, algumas delas talvez possam, de longe, serem rivais de Shakespeare. Em beleza, apenas Dante o intimidou, isoladamente o vence — não há uma só peça ou poema de Shakespeare capaz de se sobrepor à Divina Comédia em beleza —, mas pelo conjunto o inglês vence o italiano, e com larga, forte e constrangedora folga, como faz com todos os outros, até mesmo com Homero.

Nem tudo em Shakespeare é popular, embora ele tenha sido, em sua época, um grande autor das massas, capaz de lotar os teatros, que não eram nem de perto as salas confortáveis e limpas que são hoje. Pelo contrário. Um teatro, na época de Shakespeare, era lugar de pouco ou nenhum prestígio. É certo que os reis gostavam das peças do Bardo, mas a assistiam em seus palácios: a companhia ia até à corte. Embora o filme Shakespeare apaixonado mostre a Rainha Elizabeth assistindo àquela que seria a primeira apresentação de “Romeu e Julieta”, podemos afirmar que não, a grande Rainha jamais colocou seus nobres pés em um teatro, que, mesmo sendo mitológico e histórico como o “Globe”, era ainda sim sujo. Grande parte da plateia ficava de pé, outros poucos adinheirados que queriam se divertir ficavam nas partes superiores; não se dizia, à época, que assistiriam a um espetáculo: iam ao teatro “ouvir” — sim, ouvir — uma peça.

O grande público, versado ou



não em literatura, interessado ou não no pensamento e na cultura do Ocidente, conhece, impreterivelmente, “Romeu e Julieta”, mesmo que não saiba contar em detalhes ou resumidamente o enredo da peça: todos sabem que é a história trágica de dois jovens de famílias inimigas que acabam mortos. Os que possuem algum ou pouco verniz cultural ou educacional, talvez aqueles tenham alguma pátina de educação formal, mesmo sem ter chegado à universidade, provavelmente terão ouvido também falar de Hamlet mas, mesmo se nunca tiver escutado esse nome, com certeza terá ouvido o famigerado “Ser ou não ser, eis a questão”, a mais subestimada e ao mesmo tempo supervalorizada pergunta já feita no mundo da literatura. Os mais letrados saberão de Macbeth, Otelo, Rei Lear, saberão das tramas de “Sonho de Uma Noite de Verão”, “A Tempestade” e talvez “Júlio César”, também por outra frase famosa que jamais foi dita senão na peça de Shakespeare: “Até tu, Brutus?”.

Mas o problema é que temos hoje, oficialmente, dentro do cânone shakespeariano, 40 peças, embora a maioria das edições brasileiras apresentem apenas 37, excluindo “Dois Nobres Primos”, disponível em português apenas no mercado editorial de Portugal; “Eduardo III”, que depois de alguns anos de discussão e alguma recusa de Bárbara Heliodora, entrou no cânone e virá,

diz a lenda, na próxima edição do “Teatro Completo de William Shakespeare”, a ser publicado ainda em 2016. Esta — “Eduardo III” — teria sido a última tradução de Heliodora, mas não será a primeira versão da peça em português, como a Editora Nova Aguilar tem alardeado em seu site: Elvio Funck já publicou sua versão em uma bem cuidada edição, e não apenas bilíngue, mas também interlinear, apresentada pela Editora Movimento, em parceria com a Editora EDUNISIC (Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul). Por fim, a última peça que poderá ser lida em português pelo público brasileiro é “Sir Thomas More”, cuja tradução foi finalizada por Régis Augustus Bars Closel, que tem a tradução — esta sim inédita —, como parte de seu doutorado em Shakespeare, feito na UNICAMP.

Deste imenso universo de 40 peças, dois poemas narrativos, os sonetos e alguns poemas esparsos, mas também de significativo valor, vemos como é pouca a familiaridade, por parte dos leitores não especializados ou profissionais da literatura, com o conjunto da obra de Shakespeare, que é regular em sua irregularidade: há, em todas elas, em maior ou menor grau, a marca do gênio.

O que nos aproxima e ao mesmo tempo nos distancia tanto de Shakespeare? O que nos distancia, primordialmente, é a elaboração de sua linguagem, e prefiro a palavra elaboração aos termos

“hermetismo” ou “dificuldade”. Explico: Shakespeare era maneirista, e segundo Gustav R. Hocke, em “Maneirismo na Literatura”, o maior dos maneiristas e seu mais claro exemplo de execução desse estilo, que se situa entre o Renascimento e o Barroco, quase um intervalo confuso entre os dois pontos da corda.

O maneirismo é e só poderia ser o estilo do qual Shakespeare comungaria. Em seu afã de ser, como diria Jorge Luis Borges, “todos e ninguém”, uma escola dura e engessada, temente às regras fixas de composição jamais poderia ter sido a casa ideal para sua gula temática e estilística, quanto à metrificação de seus versos, aos temas e as formas de representação desses temas: a tragédia, a comédia, o drama histórico e aquilo que posteriormente passamos a chamar de romances, não no sentido de gênero narrativo, mas no sentido de história de amor entre dois personagens.

A melhor definição de maneirismo com a qual já tive contato veio de Hocke: “Deparamo-nos incessante e simultaneamente com tórridos desertos e montanhas de gelo, profundezas oceânicas e cumes áridos, fraqueza e amor humanos visceral, ânsia de ultrapassar todas as fronteiras e desejo de atingir um porto seguro, sonho com uma fórmula matemático-religiosa e medo perante a ira invisível e perceptível do Deus vivo. Disso decor-

rem as relações de tensão na literatura maneirista: cuidado artístico da sagacidade logística e impulso demoníaco-vital à expressão; busca intelectual esgotante, demasiado esgotante e delírio nervoso em metafóricas cadeias associativas; cálculo e alucinação, subjetivismo e oportunismo frente às convenções (anticlássicas); beleza delicada e extravagância assustadora; fascinação embriagadora e evocação quase oracional; propensão à estupefação e onirismo histórico; castidade idílica e sexualidade brutal; credence grotesca e santa devoção”.

É só nessa perspectiva maneirista que poderemos ver as peças de Shakespeare, tão intensas que, para nós, leitores desacostumados a sairmos de nossos lugares e nos deixarmos levar pelos textos que lemos, podem vez ou outra forçar a verossimilhança. Mas isso jamais acontece, e é fácil entender a razão.

O teatro de Shakespeare é o espetáculo da consciência humana. O que sustenta a trama não são os atos, mas sim as palavras, portanto, se o teatro é a arte da ação, em Shakespeare falar é, mais do que em qualquer outro autor, fazer: a palavra é um ato. Não nos interessa saber o que Hamlet faz se não tivermos dele os momentos de revelação. Macbeth, quando está só em cena, parece se dirigir à plateia em reflexões inesquecíveis. Seus soliloquios são momentos muito superiores àqueles nos quais ele mata ou planeja uma crueldade.

Vemos e lemos as peças de Shakespeare para assistirmos à linguagem brincar conosco, fazer-nos rir com tanta beleza, fazer-nos chorar com tanta consciência, fazer-nos pensar com tanta consistência que saímos do livro, do teatro ou do cinema que tanto tem se apropriado de suas histórias, mais ricos do que entramos. Melhores? Piores? Não sei. Mas com certeza saímos diferentes.

Por isso e muito, muito mais, justifica que visitemos Shakespeare, que prestemos a ele nossa reverência, que não pode ser acrítica ou submissa, mas sim ativa e inteligente como foram seus trabalhos, e que saíamos do lugar comum das peças e textos mais conhecidos. Que cada texto que veremos aqui, a respeito de cada uma das peças, dos sonetos, dos poemas narrativos e dos poemas esparsos sejam, em sua sincera despreensão de exegese, um convite amoroso à leitura da obra de William Shakespeare.

## EDUCAÇÃO

# Senador Wilder apoia mudança no ensino médio, mas pede diálogo com educadores

WELLITON CARLOS

O senador Wilder Morais se diz preocupado com as mudanças propostas para o ensino médio. As modificações serão apresentadas no dia 22 de setembro pelo Ministério da Educação. Para Wilder, é necessário ampliar o debate sobre a proposta primeiro com os professores e pesquisadores em Educação. “Não podemos atropelar etapas. Mas concordo que é preciso mudanças”, avalia o parlamentar, que já sugeriu modificações no sistema educacional para que o Plano Nacional de Educação (PNE) seja, de fato, efetivado no país.

Conforme a sugestão do Governo Federal, os alunos não seriam mais obrigados a cursarem 13 disciplinas, como é hoje obrigatório.

No lugar deste sistema, entraria uma nova regra: as disciplinas seriam as mesmas para o primeiro ano. Mas a partir do segundo ano o aluno poderia escolher as matérias que pretende estudar. De acordo com o ministério, o aluno chegaria com mais preparo para a faculdade, onde passará a exercer a profissão que escolheu.

Uma outra proposta do ministério é a certificação de conhecimento. Os alunos que apresentarem, por exemplo, conhecimento de inglês poderão realizar uma prova e caso sejam aprovados estarão dispensados da disciplina.

O senador Wilder Morais diz que é contra a aprovação sem ouvir um número suficiente de especialistas. “Não adianta nada



**Novo modelo teria as mesmas disciplinas para o primeiro ano. A partir do segundo o aluno escolheria**

modificar e depois ter que voltar atrás. Educação exige um planejamento mais refinado, pois mexe com as estruturas mais sensíveis de um país. Precisamos observar, por exemplo, como ocorreram as modificações curriculares de outros países. Hoje o mundo é um só. Temos avaliações internacionais, como o Pisa”, diz Wilder Morais.

Ele reconhece que secretários de educação foram consultados, mas diz não saber a opinião dos conselhos de educação, entidades essenciais no debate do tema. “É uma modificação muito séria. Acredito que existam estudos com relatórios aptos a serem expostos para a população em plataforma digitais e que

possam colher a opinião de estudantes e do povo”.

Wilder diz que é engano desconsiderar a opinião do estudante. “Tem uma música que marcou minha geração: ‘The Wall’, do Pink Floyd. Nela os estudantes dizem que não querem ser apenas um tijolo na parede. Ou seja, eles querem participar, debater, discutir”.

## PLENÁRIO

O parlamentar afirma que é preciso levantar questões como que linhas cada escola seguirá, qual o modelo será adotado pelas escolas particulares, quem garantirá disciplinas de baixa procura e como será feita a mudança – se gra-

dual ou de uma única vez.

O senador afirma que não é contra o uso das medidas provisórias para mudar a estrutura da grade curricular, mas considera que os assuntos devem ser primeiro debatidos em plenário, motivar consultas públicas, atrair a população para o debate. “Passada a crise política, acredito que é hora de dedicarmos o Brasil aos grandes temas, como a educação. O Governo Federal está certo ao propor mudanças. Mas vamos agora debater o assunto. Por isso convoco a sociedade a realizar reflexões, encaminhar para nosso gabinete sugestões e proposições”.

Wilder Morais pretende se reunir com o ministro da Edu-

cação Mendonça Filho para fazer sugestões. O senador tem várias reflexões sobre o PNE e mudanças na Lei de Diretrizes de Bases (LDB), que completou 20 anos de existência.

## PROPOSTA

Conforme o Ministério da Educação, seriam criadas cinco grandes áreas de conhecimento: linguagens, matemática, ciências humanas, ciências da natureza e ensino técnico.

Wilder Morais disse que existem questões estruturantes que devem ser discutidas pelos pesquisadores e também pelo Governo Federal. “É o caso do levantamento da OCDE divulgado na última semana. Ele revela dados preocupantes: o Brasil é um país que paga salários ruins para os professores do ensino primário. E supervaloriza, neste sistema, o professor das universidades. Acredito que não temos que reduzir salário de professores universitários. Mas equiparar ou aproximar este salário com os que lecionam no ensino primário”.

## PESQUISA

A pesquisa “Um Olhar sobre a Educação 2016”, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apontou a distorção que ocorre no Brasil em relação ao mundo. Para Wilder, é mais uma prova de que toda mudança do país deve atender ao princípio da educação comparada. “Não adianta copiar modelos. Mas é preciso olhar criticamente para os nossos, ainda mais quando não surtem os efeitos desejados”.

## INOVAÇÃO

# ‘Governo de Goiás inova com programa fiscal inteligente’

O investimento em inovação é um dos principais segredos para que Goiás seja um dos primeiros Estados a sair da crise que atinge o País, avaliou nesta quinta-feira, 15, o governador Marconi Perillo, durante lançamento do programa de Fiscalização Inteligente Seletiva (FIS), que tem por objetivo inovar no combate ao transporte irregular de mercadorias com o uso de tecnologia da informação. No evento, realizado no auditório Mauro Borges do Palácio Pedro Ludovico Teixeira, em Goiânia, também foi assinado decreto que regulamenta a carreira de auditor e celebrado o Dia do Auditor Fiscal, comemorado oficialmente em 21 de setembro.

O FIS tem por objetivo melhorar a eficácia da fiscalização de IPVA e de ICMS, com o monitoramento das mercadorias em



**O FIS tem por objetivo melhorar a eficácia da fiscalização de IPVA e de ICMS, explicou Marconi**

trânsito por computadores, que fazem a leitura ótica das placas dos caminhões e transmitem as informações à Sefaz. O fisco goiano é o primeiro do País a inovar com este tipo de tecnologia.

Desde a sua apresentação, em junho deste ano, o governo já recebeu a visita de representantes de 13 estados interessados em implementá-lo. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID),

que apoia o programa, também manifesta interesse em levar o projeto para outros países.

Marconi agradeceu o esforço de todos os envolvidos e lembrou que ações como estas são

necessárias para vencer a crise. “Sem esforços como este, poderíamos estar à beira de um colapso financeiro, como estão hoje 15 estados brasileiros. As despesas correntes crescem e o Congresso aprova leis que aumentam os gastos dos estados sem indicar recursos. A inovação surge como uma saída”, afirmou. Ele frisou ainda a importância da atuação dos auditores: “O trabalho de vocês é muito importante para que consigamos oferecer bons serviços públicos a 6 milhões de goianos”.

Marconi ainda destacou a importância de decisões administrativas no combate à crise. Para ele, se o governo não tiver tomado a decisão de cortar os gastos antes mesmo da crise se generalizar, não conseguiria cumprir suas obrigações.

## APARECIDA DE GOIÂNIA

# Senador Wilder participa de lançamento da pedra fundamental da UniEvangélica

JOÃO CARVALHO

O senador Wilder Moraes participou nesta quinta-feira, 15, do lançamento da pedra fundamental para construção de uma unidade da UniEvangélica na cidade de Aparecida de Goiânia. Como sempre defende a educação como pressuposto para a emancipação do cidadão e avanço de um País, Wilder citou uma frase do líder sul-africano Nelson Mandela: "a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo".

O ato solene aconteceu no Setor Conde dos Arcos, onde está sendo construído um pólo educacional e contou com a presença do prefeito Maguito Vilela, de vários secretários da Prefeitura de Aparecida, além de representantes da UniEvangélica, como o reitor Carlos Hassel Mendes.

Wilder Moraes tem feito intervenções em defesa da educação e aproveitou o evento para defender mais investimentos nessa área e citou o seu próprio exemplo de vida, lembrando que somente conseguiu vencer porque teve oportunidade, estudou muito, se esforçou e concluiu curso de Engenharia Civil.

"O Brasil somente vai avançar e ser considerado como País de primeiro mundo quando realizar investimentos mais vultosos na educação. Precisamos estimular os nossos jovens aos estudos. As universidades são o caminho para essas conquistas", disse Wilder.

O senador do PP aproveitou para parabenizar as autoridades por essa iniciativa de implementar mais uma unidade de ensino superior em Aparecida de Goiânia, uma das cidades que mais cresce em Goiás e que se prepara para se transformar em um pólo de conhecimento e de educação.

"Esse é o caminho. Quando mais investimentos em educação, mais rápido o Brasil vai se desenvolver e se transformar numa potência econômica", frisou o senador Wilder.



FOTOS: ALDO SILVEIRA

